



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 17, nº. 2, julho-dezembro, 2020, p.314-337
DOI: 10.23925/1809-8428.2020v17i2p314-337

A PALAVRA CÃO NÃO MORDE

Antonio José Romera Valverde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
valverde@pucsp.br

“...palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução, alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies.”

(Machado de Assis, “Primas de Sapucaia”, *Histórias sem data*)¹

“...E as palavras serão servas / de estranha majestade. É tudo estranho...”

(Carlos Drummond de Andrade, “A Luís Maurício, Infante”, *Fazendeiro do Ar*)²

“O objetivo das palavras é transmitir as ideias. Quando estas são apreendidas, as palavras são esquecidas. Onde poderei encontrar um homem que se esqueceu das palavras? Com ele é que gostaria de conversar.”

(Thomas Merton, “Meios e Fins”, *A via de Chuang Tzu*)³

Resumo: Se o tempo presente se mostra fragmentado e sob fortes indícios de retorno à barbárie, – identificado por práticas e discursos políticos autoritários, em tendência de se tornarem hegemônicos –, o *ensaio* procura interpelar o estatuto contraditório da palavra ao campo da política, através de uma sondagem lúdica, *aforismática*. A exploração da matéria gravita em torno de uma página de Marat, de 1774, republicada em 1793, momento de consolidação do ideário da Revolução Francesa, sob o Terror. A hipótese guia considera que as palavras não são as coisas, mas as representações “verdadeiras” das coisas e dos conceitos, nos atos de suas concepções primordiais. Se em princípio, as palavras podem ser consideradas “verdadeiras” ao expressarem o *espelham*, os atores políticos as desnaturam pela manipulação dos sentidos próprios e originais, findando por gerar ilusões para além de seus significados mais arraigados. Assim, o *ensaio* ao expor, transversal e criticamente, recortes de textos de Literatura e de Filosofia, conjuga citações e referências através de *aforismos*,

¹ MACHADO de ASSIS, J. M., “História sem data”, In _____, *Obra Completa*, volume 2, São Paulo, Nova Aguilar, 2015, p. 381.

² DRUMMOND de ANDRADE, C., “Fazendeiro do Ar”, In _____, *Poesia e Prosa*, volume único, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, p. 326.

³ MERTON, T., *A via de Chuang Tzu*, 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 1977, p. 196.

dispostos em mosaico, cujo fundo dá a ver a possibilidade/impossibilidade de se confiar, de modo cabal, nas palavras circulantes, – ao menos naquelas utilizadas campo da ação política.

Palavras-chave. Marat; desnaturar palavras; política; literatura; filosofia; Revolução Francesa.

THE WORD DOG DOES NOT BITE

Abstract: *If the present time is fragmented and under strong signs of a return to barbarism – identified by authoritarian political practices and discourses, which tend to become hegemonic –, the essay seeks to challenge the contradictory status of the word to the field of politics, through a playful, aphoristic survey. The exploration of matter gravitates around a page of Marat, from 1774, republished in 1793, a moment of consolidation of the ideas of the French Revolution, under Terror. The guiding hypothesis considers that words are not things, but “true” representations of things and concepts, in the acts of their primordial conceptions. If, in principle, words can be considered “true” when expressing what they reflect, political actors denature them by manipulating their own and original meanings, ending up generating illusions beyond their deepest meanings. Thus, the essay by exposing, transversally and critically, clippings of texts from Literature and Philosophy, combines citations and references through aphorisms, arranged in mosaic, whose background shows the possibility / impossibility of relying, in a complete way, circulating words, – at least in those used in the field of political action.*

Keywords: *Marat; denature words; policy; literature; philosophy; French Revolution.*

* * *

(1).

A um tempo estilizado e de metamorfoses de várias faces, o presente *ensaio*, – em formato de mosaico lúdico dentre referências literárias e filosóficas –, agencia uma sondagem gravitante ao redor de uma página política de Jean-Paul Marat (1743-1793), intitulada “Desnaturar os nomes das coisas”. Ei-la:

“Poucos são os homens com ideias sãs sobre as coisas: a maior parte prende-se apenas às palavras. Não concederam os Romanos a César, sob o título de imperador, o poder que lhe haviam recusado sob o de rei?

Enganados pelas palavras, os homens não sentem repulsa pelas coisas mais infames, se estiverem enfeitadas com belos nomes; e sentem repulsa pelas coisas mais louváveis, se forem denegridas por nomes odiosos. Assim, a manobra corrente dos governos é a de enganar os povos, pervertendo o sentido das palavras; e muitos homens de letras se rebaixam até se encarregarem desta função infame.

Na política, as pessoas comuns, com falta de entendimento, para não dizer todo o mundo, deixam-se guiar por alguns sons vãos. Nunca dão às coisas os seus verdadeiros nomes. Os príncipes, os seus ministros, os seus agentes, os que lhes fazem a corte, os seus lacaios, chamam *arte de reinar* à de depauperar os povos, de se lançar em todos empreendimentos, de ostentar um luxo escandaloso e de espalhar por todo o lado o terror; *política*, arte vergonhosa de enganar os homens; *governo*, a dominação covarde e tirânica; *prerrogativas da coroa*, os direitos usurpados à soberania dos povos; *poder real*, o exercício absoluto do poder; *magnificência*, odiosas prodigalidades; *submissão*, a servidão; *lealdade*, a prostituição às ordens arbitrárias; *rebelião*, a fidelidade às leis; *revolta*, a resistência à opressão; *discursos subversivos*, a reclamação dos direitos do homem; *facção* (a palavra perdeu hoje o seu sentido originário, embora dela continue a vir o adjetivo ‘faccioso’, que manteve a antiga acepção pejorativa. Corresponderia hoje a: partido

que ponha em causa a sociedade enquanto corpo coeso), o corpo dos cidadãos reunidos para defenderem os seus direitos; *crimes de lesa-majestade*, as medidas tomadas para se opor à tirania; *encargos do Estado*, as dilapidações da corte e do governo; *contribuições públicas*, as exações; *guerra e conquista*, a pilhagem à frente de um exército; *arte de negociar*, a hipocrisia, a astúcia, a má-fé, a perfídia e as traições; *golpes de Estado*, as violações, os assassinatos violentos e os envenenamentos; *funcionários do príncipe*, os seus cúmplices; *observadores*, os seus espiões; *súditos fiéis*, os apoiantes do despotismo; *medidas de segurança*, as averiguações inquisitoriais; *punições dos sediciosos*, o massacre dos amigos da liberdade. Eis como eles conseguem destruir o horror inspirado pela imagem nua dos crimes e da tirania.”⁴

(2).

Haverá possibilidade de prospectar a “verdade” política, – supondo que ela possa existir –, sem considerar o processo de desnaturação de nomes e de palavras? Abandonados os elogios dos semiólogos à expansão semântica de termos, por exemplo, os termos “ética”, “justiça”, “liberdade”. Com distância calculada de abordagens acerca de signo, significado, significante, e de a virada linguística (*linguistic turn*). Sem perder de vista, criticamente, as consequências dos usos totalitários e autoritários de palavras e de expressões, como “raça”, “direito”, “estado totalitário”, “estado total”, “revolução conservadora”, “estado de exceção”, “solução final” e quietais. Umhas requentadas, outras projetadas durante a primeira metade do século passado, que constam de *Introduction aux langages totalitaires*, de J-P. Faye.⁵ Em parte, derivadas da imaginação política de Carl Schmitt, Ernst Jünger, Otto Strasser, Hugo Fischer; Gerhard Günther, Ernst Niekisch, Ernst Forsthoff. Ao passo que no Brasil, alguns divulgadores do pensamento conservador parecem fracos em teoria, baixo-relevo se dispostos em chave de comparação com os alemães e os italianos. Para a perspectiva da administração pública, destaque a Oliveira Viana e a apropriação e assimilação da noção de “estado corporativo”, inventada por ideólogos europeus, finamente, analisada e elucidada por Evaldo Amaro Vieira.⁶ Não obstante, por hipótese, talvez o mais intenso e desbragado ideólogo do pensamento conservador deva ser Paulo Prado, autor de *Retrato do Brasil*, de 1928, aluno de Capistrano de Abreu para aulas particulares de História. Donde, por certo, deduzira que o fracasso nacional fora resultante do encontro civilizatório de três raças tristes, a par da posição de sua classe social.

Por certo, a desnaturação de termos, de modo contundente e irônico, acha-se acabada na expressão: “Arbeit match frei”, (trabalho liberto), inscrita no pórtico de

⁴ MARAT, J-P., “Desnaturar os nomes das coisas”, tradução João Bernardo, In _____, *Les Chaînes de l’Esclavage*, Paris, Union Générale d’Éditions, 1972, pp. 160-162. Publicado, originalmente, em Inglês, com o título *The chains of slavery*, editora C. Goëtz and J. De Cock, Brussels., 1774. Em Francês, 1793. A propósito, conferir HAMMSERSKEY, R., *French Revolutionaries and English Republicans: The Cordeliers Club, 1790-1794*, (Royal Historical Society Studies in History New Series), Rochester, The Boydell, 2005, pp. 3-19.

⁵ FAYE, J-P., *Introduction aux Langages Totalitaires. Théorie et transformations du récit*, Paris, Herman, Éditeurs de Sciences et des Arts, 2003.

⁶ A propósito, conferir VIEIRA, E. A., “A concepção de Estado Corporativo”, In _____, *Oliveira Viana & o Estado Corporativo: um estudo sobre corporativismo e autoritarismo*, São Paulo, Grijalbo, 1976, pp. 103-133.

entrada do campo de concentração e de extermínio de Auschwitz. Embora, sem ironia, trata-se do nome Prison Libertad, a sessenta quilômetros de Montevideo, Uruguay, reconhecida por torturas e mortes, ao tempo da ditadura militar (1973-1985). Atualmente, renomeada para Penal Libertad, aos moldes das casas de correção do passado, destinada a recuperação de presos comuns, – através do trabalho. O que não libera o seu nome, Libertad.

(3).

Se a palavra cão *não* morde e “o homem é o único animal que joga no bicho”,⁷ quase a propósito, Borges registrou a passagem de “uma certa enciclopédia chinesa intitulada *Empório celestial de conhecimentos benévolos*, em suas remotas páginas está escrito que os animais se dividem em: a) pertencentes ao Imperador, b) embalsamados, c) amestrados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cachorros solto, h) incluídos nesta classificação, i) que se agitam feito loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pêlo de camelo, l) *et cetera*, m) que acabam de quebrar o jarão, n) que de longe parecem moscas.”⁸ Desnaturar nomes e palavras pode ser, até certo ponto, a parte inteligível do poder. Mas, há um lado aparentemente irracional do poder, a menos que se aceite o universo e a filosofia do senso comum, o positivismo, como variável explicativa. Conta-se que durante muito tempo era costume, em China, os súditos, de todos os cantões da nação, enviarem esmegma para a imperatriz. Com tal substância a rainha mandava aviar um tipo de pomada, recomendada para a conservação da pele do rosto. Eis parte da configuração da construção do imaginário do Outro. Assim, também no poema *Anekdota Búlgara*: “Era uma vez um czar naturalista / que caçava homens. / Quando lhe disseram que também se caçam borboletas e andorinhas, / ficou muito espantado / e achou uma barbaridade.”⁹ - Houve tempo em que os animais *falaram*, supostamente, por palavras humanas. Até hoje, algumas pessoas conversam com animais,¹⁰ que fingem compreender. E, similarmente, com plantas, que nada fingem.

⁷ MENDES, Murilo, “Homo Brasiliensis”, In _____, *O Menino Experimental*, São Paulo, Summus, 1979, p. 26. (Antologia).

⁸ BORGES, J. L., “O idioma analítico de John Wilkins”, In _____, *Outras Inquisições*, São Paulo, Cia. Das Letras, 2007, p. 124. Da leitura, Foucault anotou: “Esse texto de Borges fez-me rir durante muito tempo, não sem um mal-estar evidente e difícil de vencer. Talvez porque no seu rastro nascia a suspeita de que há desordem pior que aquela do *incongruente* e da aproximação do que não convém; seria a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do *heteróclito*; e importa entender esta palavra no sentido mais próximo de sua etimologia: as coisas aí são ‘deitadas’, ‘colocadas’, ‘dispostas’ em lugares a tal ponto diferentes, que é impossível encontrar-lhes um espaço de acolhimento, definir por baixo de umas e outras um *lugar-comum*... O embaraço que faz rir quando se lê Borges é por certo aparentado ao profundo mal-estar daqueles cuja linguagem está arruinada: ter perdido o ‘comum’ do lugar e do nome.” In FOUCAULT, M., *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, 4ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1987, pp. 7-8.

⁹ DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos, *Alguma Poesia*, In _____, *Poesia e Prosa*, 5ª edição, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, p. 91.

¹⁰ Da mitologia Maia-Quiché: “Então o Criador, o Formador, A-que-Concebe, O-que-Gera disseram aos veados e aos pássaros: ‘Agora falem, invoquem. / Não gorjeiem, não gritem. / Que cada um fale conforme sua espécie, / seu próprio grupo.’ E disseram aos veados, pássaros, leões-baios, jaguares e serpentes: ‘Falem nossos nomes, louvem-nos, / pois somos sua mãe, somos seu pai! / Invoquem Huracán, Raio Pequenininho, / Raio Repentino, Coração do Céu, / Criador, Formador, / A-que-Concebe, O-que-Gera; / falem, invoquem-nos, adorem-nos! Isto disseram. Mas não deu certo. Eles não

A China foi, durante longo tempo, o Outro para o Ocidente, seja lá o que isto signifique, e desponta de volta à mesma condição no horizonte imaginário da política. Afinal, o primeiro Imperador chinês, Che Huang-ti, contemporâneo de Aníbal, mandou queimar todos os livros, anteriores a ele, e, no mesmo passo, construir a muralha (quase infinita) da China.¹¹ Tal qual o Grande Turco, edificado pela quimera política de um tipo ideal dominador e tirano impiedoso, aos primórdios da Idade Moderna, recorrente à imagem idealizada do Grande Outro. - Contudo, os chineses continuam degustando cães ao molho agri-doce. Uma iguaria, para apreciadores, plenos de sabedoria milenar.

A suposta controvérsia se dilui sob a fina observação de Gilberto Freyre nos ensaios da coletânea *China Tropical*, por mostrar os diversos orientalismos adjuntos a formação da sociedade brasileira. Ao lastro das afinidades efetivas, há o fato consumado de os portugueses terem colonizado o Brasil e partes da Ásia, inclusive a China (FREYRE, 2011).¹²

(4).

Acaso seriam os políticos, com sua sinceridade e insinceridade combinadas, que desnaturam as palavras e os nomes, como sugere Marat, ou esta desnaturação não seria própria e *natural* de todo o proceder e o processo do intelecto e da linguagem? Fernando Pessoa, na *pessoa* do heterônimo Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, em o *Livro do Desassossego*, anotou: “O governo do mundo começa em nós mesmos. Não são os sinceros que governam o mundo, mas também não são os insinceros. São os que fabricam em si uma sinceridade real por meios artificiais e automáticos; essa sinceridade constitui a sua força, e é ela que irradia para a sinceridade menos falsa dos outros. Saber iludir-se bem é a primeira qualidade do estadista. Só aos poetas e aos philosophos compete a visão practica do mundo, porque só a esses é dado não ter ilusões. Ver claro é não agir.”¹³

(5).

O problema de desnaturar palavras, – que findam *transgredidas* –, aos nomes das coisas vem de *tempos imemoriais* e, aparentemente, é insolúvel. Persuadido pelo mote da Literatura e da História da Filosofia, de modo a mesclar ambas aos portos da dúvida, da evidência conceitual, da crítica, cujos contrapontos e amarras

falavam como gente, só soltavam chilreios, cacarejos, rugidos. A face de sua fala não se aclarou, cada um dava um grito diferente. Ao ouvir isso, o Criador e o Formador disseram: - Não deu certo, eles não falaram – disseram entre si. – Não conseguiram pronunciar nossos nomes, de nós, seus criadores, de nós, seus formadores. Isso não é bom.” In *Popol Vuh – o esplendor da palavra antigo dos Maia-Quiché de Quauhtemallan: aurora sangrenta, história e mito*, São Paulo, Ubu, 2019, pp. 123-124.

¹¹ BORGES, J. L., “A muralha e os livros”, *Op. Cit.*, pp. 9-12.

¹² A propósito, conferir FREYRE, G., *China Tropical*, 2ª edição, São Paulo, Global, 2011. (Edson Nery da Fonseca, *organizador*).

¹³ PESSOA, F. (sob heterônimo de Bernardo Soares), “Aforismo 467”, *Livro do Desassossego*, volume II, Lisboa, Ática, 1982, p. 202. (Organizado por Jacinto do Prado Coelho). Mantida a grafia original.

se encontram no pensamento político passado e coevo, em tons e semitons díspares, contudo, latentes e subjacentes ao fragmento de Marat. Sem regressar à Grécia antiga, ao *nomos* compreendido da convenção humana, ao conceito de isonomia, às conjeturas sofistas para a invenção de verdades, nem à Alegoria da Caverna, em movimento de dizer *A* para significar *B*, – alegoria, metáfora continuada –, coube aos medievos inventarem o nominalismo, o realismo e conceptualismo, na esteira conceitual do acerto de contas entre *linguagem*, lógica e dialética, para a eliminação do erro e da contradição do pensamento e do acesso ao conceito, compendiados da prática das disputas, *quaestiones disputatae*.

Das disputas acerca dos universais, durante a Idade Média, “o nominalismo, posição nominalista ou ‘via nominal’ constituiu em afirmar que um universal – como espécie ou gênero – não é nenhuma entidade real e tampouco está nas entidades reais: é um som da voz, *flactus vocis* (...). Os universais não se acham *ante rem* – não estão antes da coisa nem a precedem –, como sustenta o realismo ou o ‘platonismo’. Não estão também *in re* – na coisa – como sustentam o conceptualismo, o realismo moderado ou ‘aristotelismo’. Os universais são simplesmente *nomina*, nomes, *voces*, vocábulos, ou *termini*, termos. O nominalismo sustenta que só têm existência real os indivíduos ou as entidades particulares.”¹⁴ Por primeiro, o nominalismo fora inventado por Roscelin de Compiègne, a meados do século XI, após, restituído por Guilherme de Ockham, no século XIV.¹⁵

Precedido da submissão da Filosofia à Teologia, transmudada por Agostinho de Hipona, – sob os escombros do Império Romano –, fundante do ideal de cultura cristã, como transparece em *De Doctrina Christiana*, obra seminal da Idade Média. Sob o lastro do *crer e compreender*, aditado do poder espiritual acima do poder temporal, forneceu os liames da consciência, conquanto justificava a ordem medieval e a sã antecipação / interpretação da Sagrada Doutrina, que revelou a chave de compreensão da existência social, no vórtice do imaginário ético-político duradouro por mil anos, praticamente. No limite, o nominalismo, *grosso modo*, é o filho dileto da Universidade, nascida, literalmente, atrás da catedral, quiçá na sacristia e arredores, para conter, pelo *livre debate* parcimonioso, os avanços dos aristotelismos da pena e do verbo dos averroístas latinos. E, por extensão, as heresias.

¹⁴ FERRATER MORA, J., “Nominalismo”, In _____, *Dicionário de Filosofia*, tomo III, 2ª edição, São Paulo, Loyola, 2004, p. 2105.

¹⁵ Ao analisar um verso controverso do poema “Ode a um rouxinol”, de John Keats, escrito aos vinte e três anos, em abril de 1819, Borges escreve: “Observa Coleridge que todos os homens nascem aristotélicos ou platônicos. Os últimos sentem que as classes, as ordens e os gêneros são realidades; os primeiros, que são generalizações; para estes, a linguagem não passa de um jogo aproximativo de símbolos; para aqueles, é o mapa do universo. O platônico sabe que o universo é de algum modo um cosmos, uma ordem; essa ordem, para o aristotélico, pode ser um erro ou uma ficção de nosso conhecimento parcial. Através das latitudes e das épocas, os dois antagonistas imortais trocam de dialeto e de nome: um é Parmênides, Platão, Espinosa, Kant, Francis Bradley; o outro, Heráclito, Aristóteles, Locke, Hume, William James. Nas árduas escolas da Idade Média, todos invocam Aristóteles, mestre da razão humana (*Convívio*, IV, 2), mas os nominalistas são Aristóteles; os realistas, Platão. O nominalismo inglês do século XIV ressurgiu no escrupuloso idealismo inglês do século XVIII; a economia da fórmula de Occam, *entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem*, permite ou prefigura o não menos taxativo *esse est percipi*. Os homens, disse Coleridge, nascem aristotélicos ou platônicos; da mente inglesa é possível afirmar que nasceu aristotélica. O real, para essa mente, não são os conceitos abstratos, mas os indivíduos; não o rouxinol genérico, mas os rouxinóis concretos.” Ao que conclui: “É natural, talvez seja inevitável, que na Inglaterra a ‘Ode a um rouxinol’ não seja corretamente compreendida (BORGES, *Op. Cit.*, pp. 139-140).”

Se Siger de Brabante propôs, claramente, a congruência da sua interpretação da Sagrada Doutrina desde o viés aristotélico árabe, coube a Tomás de Aquino, reler a obra conhecida de Aristóteles, pela ótica do gentio, para além do gentio. As sùmulas. O escorço conceitual, tanto literatura de combate como lastro teórico (*perene*), para, porventura, resolver todas as *querelas* e as heresias presentes e futuras. Algumas advindas de palavras indigestas. Porém, aos medievos faltava-lhes a materialidade da espiral de confrontos entre a necessidade teórica para além da Sagrada Doutrina e a realidade político-econômica, de modo explicitado, que somente a classe burguesa trouxe à luz de modo completo.

- Em movimento, sob a crise da concepção de Tempo (*Aevum*) enquanto *Eternidade*.¹⁶

(6).

O problema da linguagem, a precisão das palavras, aquém de os nomes, migrou dos mares da expansão da incipiente classe burguesa até os limites históricos da Idade Média. Assim, o bispo germânico, Nicolau de Cusa (1401-1464), neoplatônico, prenunciou a tolerância religiosa, sob uma cultura de fundamentos matemáticos e a transformação da natureza por meio de técnicas racionais. *De Docta Ignorantia*, obra seminal da Idade Moderna. Uma ideia-força do pensamento moderno fora, justamente, a de que as matemáticas, – aritmética, álgebra e geometria, mormente a última -, são a escola da razão rigorosa, por excelência. O rigor do conceito das matemáticas, a precisão da linguagem, o postulado e o enunciado, sem metáforas, sem metonímias, nem zeugmas, ou anástrofes, menos sínquises, fora os assíndetos, debalde anacolutos, inúteis silepses, (in)dispensáveis elipses. Sem as pequenas junções cacofônicas, que tanto incomodam as falas teatrais: *Édipo Rei*.

(7).

Na vaga de outra invenção do pensamento moderno, o *método experimental* e o conhecimento objetivo dos fenômenos e das forças da natureza, o Chanceler Francis Bacon travou franco combate com a lógica e o silogismo, herdados mais

¹⁶ “*Aevum*. A grande crise na abordagem humana do Tempo, embora previamente latente, assumiu a primazia quando a doutrina da continuidade incriada e infinita do mundo foi recuperada da filosofia aristotélica. Esse princípio administrou um golpe quase mortal na supremacia dos conceitos agostinianos tradicionais de Tempo e Eternidade. O Tempo, sob influência do ensinamento de santo Agostinho, havia desfrutado de uma reputação antes má que boa. Tempo, *tempus*, era o expoente da transitoriedade: significava a fragilidade desse mundo presente e todas as coisas temporais, e portava o estigma do perecível. O Tempo, rigorosamente, apartado da Eternidade, era de classe inferior, pois, enquanto a Eternidade de Deus era concebida como um Agora-e-Sempre sem Tempo, o Tempo fugidio mostrava toda a fraqueza do momento evanescente. Como salientou santo Agostinho em uma das mais famosas passagens das *Confissões* (XI), o Tempo – como o sol e a lua, planta, animal e homem – era criado. Era criado, não antes, mas junto com o mundo transitório com uma curta amplitude que, como um beco sem saída, estava fadado a encontrar um final abrupto a qualquer momento dado, tal como todo o mundo criado poderia ser arrebatado a qualquer hora pelos Eventos Finais. O tempo era finito. Abrangia não mais que as horas desde a Criação até o Último Dia, a palavras como *temporalis* e *secularis*, indicando, por assim dizer, a degradação moral do Tempo, estavam limitadas a expressar a brevidade de uma vida de importância apenas relativa e a proximidade da morte deste mundo.” In KANTORTOWICZ, E. H., *Os dois Corpos do Rei: um estudo sobre a teologia política medieval*, São Paulo, Cia. das Letras, 1998, pp. 171-172.

proximamente dos aristotelismos medievais. A propósito do esforço de estabelecimento do método experimental, escreveu: “O silogismo consta de proposições, as proposições de palavras, as palavras são o signo das noções. Pelo que, se as próprias noções (que constituem a base dos fatos da natureza) são confusas e temerariamente abstraídas das coisas, nada que delas depende pode pretender solidez... Não há nenhuma solidez nas noções lógicas ou físicas. *Substância, qualidade, ação, paixão*, nem mesmo *ser*, são noções seguras. Muito menos ainda as de *pesado, leve, denso, raro, úmido, seco, geração, corrupção, atração, repulsão, elemento, matéria, forma* e outras do gênero. Todas são fantásticas e mal definidas.”¹⁷

A denúncia baconiana, por necessidade empírica indutiva de instauração da ciência, às margens prósperas da Revolução Industrial, provinha, em parte e indiretamente, da constatação de Galileu Galilei, deduzida da emblemática passagem de *Il Saggiatore*: a natureza está escrita em linguagem matemática. Entretanto, são as noções qualitativas, que prenunciam o cunho numérico. O valor encontra-se em conjecturar sobre o que é, como medir, como estabelecer princípios e fundamentos. Da noção de “leve” e de “pesado” em movimento para o numérico. Contraditoriamente, Bacon não considerou as matemáticas para a invenção do método experimental.

O Filósofo da Revolução Industrial, propositor da indução verdadeira, com provável desemboque e aquisição de leis universais, – para o conhecimento das leis intrínsecas da natureza –, apontou para a necessidade da precisão da linguagem e dos termos, de modo fulcral. Conquanto, tudo dependeria de certa limpeza interna do intelecto, anterior a qualquer procedimento de caráter científico. Uma vez que “há também os ídolos¹⁸ provenientes, de certa forma, do intercurso e da associação recíproca dos indivíduos do gênero humano entre si, a que chamamos de *ídolos do foro* devido ao comércio e consórcio entre os homens. Com efeito, os homens se associam graças ao discurso (*sermões*), e as palavras são cunhadas pelo vulgo. E as palavras, impostas de maneira imprópria e inepta, bloqueiam espantosamente o intelecto. Nem as definições, nem as explicações com que os homens doutos se munem e se defendem, em certos domínios, restituem as coisas ao seu lugar. Ao contrário, as palavras forçam o intelecto e o perturbam por completo. E os homens são, assim, arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias.”¹⁹

Todavia, dos quatro ídolos elencados pelo Barão de Verulamio, “os ídolos do foro são de todos os mais perturbadores: insinuam-se no intelecto graças ao pacto de palavras e de nomes. Os homens, com efeito, creem que a sua razão governa as palavras. Mas sucede também que as palavras volvem e refletem suas forças sobre

¹⁷ BACON, F., “Aforismos XIV, XV”, In _____, *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza*, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 15. (Coleção “Os Pensadores”).

¹⁸ “Os Ídolos e noções falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele se acham implantados não somente o obstruem a ponto de ser difícil o acesso da verdade, como, mesmo depois de seu pórtico logrado e descerrado, poderão ressurgir como obstáculo à própria instauração das ciências, a não ser que os homens, já precavidos contra eles, se cuidem o mais que possam (BACON, ‘Aforismo XXXVI’, *Idem*, pp. 20-21).” - *Ídolo* (eidolon), *idolatria* (eidolatría), Bacon recorre, metaforicamente, à passagem bíblica, em que Moisés destrói o bezerro de ouro, a falsa imagem do Senhor, que não devia ser adorada, no retorno da subida da montanha, com as tábuas da lei. (*Êxodo*, 32, 1-35).

¹⁹ BACON, “Aforismo XLIII”, *Idem*, p. 22.

o intelecto, o que torna a filosofia e as ciências sofisticadas e inativas. As palavras, tomando quase sempre o sentido que lhes inculca o vulgo seguem a linha de divisão das coisas que são mais potentes ao intelecto vulgar. Contudo, quando o intelecto mais agudo e as observações mais diligentes querem transferir essas linhas para que coincidam mais adequadamente com a natureza, as palavras se opõem. Daí suceder que as magnas e solenes disputas entre os homens doutos, com frequência, acabem em controvérsias em torno de palavras e nomes, caso em que melhor seria (conforme o uso e a sabedoria dos matemáticos) restaurar a ordem, começando pelas definições. E mesmo as definições não podem remediar totalmente esse mal, tratando-se de coisas naturais e materiais, posto que as próprias definições constam de palavras e as palavras engendram palavras...”²⁰ Palavras são “representações” verbais de conceitos, assim, a palavra cão não é o cão efetivo à espera de osso ou ração animal, preso a coleira, senão a denominação que o representa. Por acaso ou não, Rubem Fonseca deu título de *A coleira do cão* a um livro de contos policiais, em 1965.

- Fatal, a discussão baconiana deslizará para as vicissitudes do intelecto humano.

(8).

Justapostos os retalhos da argumentação *ao correr da pena*, em movimento de construção e de desconstrução ao mesmo tempo, o tema baconiano emparelha-se ao da análise nietzschiana, extemporaneamente: “O que é uma palavra? A figuração de um estímulo nervoso de sons. Mas, concluir do estímulo nervoso uma causa fora de nós já é resultado de uma aplicação falsa e ilegítima do princípio da razão... Dividimos as coisas por gêneros, designamos a árvore como feminina, o vegetal como masculino: que transposições arbitrárias! A que distância voamos além do cânone da certeza! Falamos de uma *Schlange* (cobra): a designação não se refere a nada mais do que o enrodilhar-se, e, portanto, poderia também caber ao verme. Que delimitações, arbitrárias, que preferências unilaterais, ora por esta, ora por aquela propriedade de uma coisa!... A ‘coisa em si’ (tal seria justamente a verdade pura sem consequências) é, também para o formador da linguagem, inteiramente incaptável e nem sequer algo que vale a pena. Ele designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas metáforas. Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem!”²¹

²⁰ BACON, “Aforismo LIX”, *Idem*, pp. 28-29.

²¹ NIETZSCHE, F., “Verdade e Mentira no sentido extra-moral”, *In* _____, *Obras Incompletas*, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 47. (Coleção “Os Pensadores”). Ao que prossegue: “Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora. E a cada vez completa mudança de esfera, passagem para uma esfera inteiramente outra e nova... Acreditamos saber algo das coisas mesmas, se falamos de árvores, cores, neve e flores, e, no entanto, não possuímos nada mais do que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem. Assim como o som convertido em figura na areia, assim se comporta o enigmático X da coisa em si, uma vez como estímulo nervoso, em seguida como imagem, enfim como som. Em todo caso, portanto, não é logicamente que ocorre a gênese da linguagem, e o material inteiro, no qual e com o qual mais tarde o homem da verdade, o pesquisador, o filósofo, trabalha e constrói.” *In* NIETZSCHE, *Idem*, p. 47.

(9).

E o conceito? Sob ataque repentino de um certo nominalismo revisitado, Nietzsche responde: “Pensemos ainda, em particular, na formação do conceito. Toda palavra torna-se logo conceito, justamente quando não deve servir, como recordação, para a vivência primitiva, completamente individualizada e única, à qual deve seu surgimento, mas ao mesmo tempo tem de convir a um sem número de casos, mais ou menos semelhantes, isto é, tomados rigorosamente, nunca iguais, portanto, a casos claramente desiguais. Todo conceito nasce por igualação do não igual. Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a uma outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do que é distintivo, e desperta então a representação, como se na natureza além das folhas houvesse algo, que fosse ‘folha’, uma espécie de folha primordial, segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, recortadas, coloridas, frisadas, pintadas, mas por mãos inábeis, de tal modo que nenhum exemplar tivesse saído correto e fidedigno como cópia fiel da forma primordial.”²²

- *Em tempo*. Hegel *pode* ser considerado o último antinomialista.²³

(10).

A precisão da linguagem na (di)lapidação das palavras, que nascem do vulgo e que podem representar na arte literária, como à rapsódia, uma transfiguração altiva e elevada de mitos, de enredos arcaicos, sob a visão de mundo em crise, de sentimentos em degeneração e de uma classe social em processo de formação e consolidação, encontram-se em *Decameron* e na *Commedia*. Dante, segundo Borges, criou o poema perfeito ou mais perfeito, sonoramente. Ainda, conforme o Argentino o poema é um enorme relato.²⁴ No entanto, para Haddad toda *Commedia* segue os passos místicos do imaginário islâmico, contido no *Alcorão*.²⁵ À sua vez,

²² _____, *Op. Cit.*, p. 48.

²³ Segundo Gerd Bornheim, “...a questão deixa-se equacionar através desse importantíssimo movimento, que começa a tomar forma já em fins da Idade Média – o nominalismo. [...] Na tradição instaurada pela metafísica grega empresta-se relevo ao mundo das essências, [...] em detrimento da existência concreta do indivíduo. A realidade, no sentido primeiro e forte da palavra, concentra-se nas essências, nas Ideias divinas, ou naquilo que deve ser chamado de universal concreto, e o indivíduo fica relegado ao mundo das aparências, daquilo que não tem consistência própria; no século XII, santo Anselmo não representava exceção ao afirmar que o indivíduo *est accidens*. Com o advento do nominalismo – e destaque-se numa história cheia de nuances e variações o nome de Guilherme de Ockham -, a perspectiva começa a inverter-se e passa a ser possível afirmar que a existência precede a essência, pois o que conta agora é realmente o indivíduo concreto: João, Maria. E no correr da filosofia moderna, numa história plena de oposições radicais – o último grande antinomialista foi o último grande metafísico: Hegel -, (contudo) o nominalismo ganha sempre mais terreno.” BORNHEIM, G., “O Sujeito e a norma”, *In NOVAES, A. (Org.), Ética*, São Paulo, Cia. das Letras / Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pp. 253-254.

²⁴ BORGES, Jorge Luis, *Sete Noites*, São Paulo, Max Limonad, 1983, p. 26.

²⁵ HADDAD, Jamil Almansur, *O que é islamismo*, 4ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 45. Também Gilberto Freyre escreveu, em nota de rodapé, “Se não é desonra para a poesia cristã de Dante ter ascendências islâmicas e africanas, por que o seria para Loyola e para seus *exercícios*?” *In FREYRE, Gilberto, Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*, 19ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1978, p. 87. A fonte das informações, tanto de Haddad como de Freyre, é o arabista espanhol, Asin Palacios.

Decameron contém o deboche erudito-popular das instituições medievais desde temas morais recorrentes, de par com a depuração da linguagem, a especificar o universo medieval, em que a Igreja persistia fornecendo o tom político-cultural. Ao início da Idade Moderna, adiante de *Decameron* e da *Commedia*, fulgura *Pantagruel*, filho amado do rei Gargantua, na rapsódia de François Rabelais. Que fora franciscano, beneditino, padre secular, médico, frequentador do “chão de feira”, onde a vida e a linguagem despudorada se impunham. De bem com certa tinta filosófica neoplatônica renascentista, de matriz florentina, forjado a quente na sabedoria enciclopédica dos *studia humanitatis*, madrugado da poesia de François Villon, poeta e ladrão de relíquias religiosas.²⁶ Para tais obras e literatos, haja Inquisição e *Index Prohibitorum Librorum*, passíveis de contenção.

A força dos signos, para além do controle jurídico-eclesiástico, temporizava a ruptura civilizacional através da arte, a arte *da dignidade das braguilhas*, às margens do beneplácito da instituição religiosa. A personagem Pantagruel mostra-se qual um filósofo em estado puro, fora dos muros do convento, do mosteiro, da universidade, no centro da ebulição do mundo. Encarnação da *revanche* humanista aos séculos de submissão da Filosofia à Teologia.²⁷ As cenas das novas *disputas* ocorrem em tavernas parisienses ou em qualquer praça, ao lado de multiplicados copos de vinho, sob o escracho escatológico das falas.²⁸ Caras teses teológico-políticas sendo *decompostas* ao sabor de palavras arditas, ao menos sem incredulidade ou ateísmo,²⁹ à luz do meio-dia, à luz natural da razão, sem o ranço do racionalismo mais sisudo, à espreita.

Não olvidada a teoria da iluminação divina, a graça de Deus para além da *imago Dei*, imagem semelhança de Deus, sem hífen, pela afluência do dístico *crer e compreender* agostiniano, destilado do profeta Isaías. A civilização do Renascimento pode escolher o passado, escolheu o paganismo, o hermetismo, a cabala, a beleza, adentrada a cena humanista florentina. Como se, novamente, o que ocorrera entre os gregos, aquele um primeiro filósofo frequentasse e entendesse todas as seitas iniciáticas órficas, todo o xamanismo, discutisse os *mistérios* em praça pública, sob debate livre e contraditório. Do mesmo modo que o personagem Pantagruel figura, instintivamente, qual um grego modernizante, redivivo, que passa das palavras precisas e dos nomes pontuais para a ação efetiva. Defende o reino paterno com

²⁶ Ver RABELAIS, F., “Como, a exemplo de mestre François Villon, o Senhor de Basché louva suas gentes”, In _____, *O Quarto Livro dos Fatos e Ditos do Bom Pantagruel*, Cotia / Campinas, Ateliê / Unicamp, 2015, pp. 147-151.

²⁷ Gargantua fora educado, inicialmente, por um sofista, que o apalermava, em seguida, estudou com outros pedagogos, In RABELAIS, F., “Como Gargantua estudou com um sofista a literatura latina” e “Como Gargantua foi educado por outros pedagogos”, _____, *Gargantua*, São Paulo, Hucitec 1986, pp. 97-99 e 100-102. Ver também a carta em que Gargantua aconselha Pantagruel a estudar humanidades, RABELAIS, F., “Como Pantagruel recebeu em Paris uma carta do seu pai Gargantua, a qual cópia vai adiante”, In _____, *Pantagruel, rei dos Díspsodos, restituído ao natural com seus factos e proezas espantosos*, Lisboa, & etc, dezembro de 1975, pp. 63-69.

²⁸ Para parte da questão, atentar para a fina ironia de lastro filológico RABELAIS, F., “Como Pantagruel mandou inquirir os capitães espetalinguica e cortachouriço: com uma notável discussão sobre os nomes próprios dos lugares e das pessoas”, In _____, *O Quarto Livro dos Fatos e Ditos do Bom Pantagruel*, Cotia / Campinas, Ateliê / Unicamp, 2015, pp. 259-263.

²⁹ Sem as bordas da incredulidade, menos ainda do ateísmo, conferir FEBVRE, Lucien, *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*, São Paulo, Cia. Das Letras, 2009. (Originalmente, publicado em 1942).

amigos, em toda parte. Se filósofo, ademais aparenta ser uma reencarnação de Ulisses, a rondar os mares, as diferenças étnicas, sempre em luta. Sempre vitorioso. Modelar chefe militar, maquiaveliano, com *virtù* construída e determinada. Talvez o mais determinado de todos, similar do general Kutuzov, em *Guerra e Paz*, de Tolstói. Assim, Pantagruel pode ser considerado a personificação moderna do avatar da cisão entre a Filosofia e a Teologia, para autonomia da primeira. Sob a máxima: *filosofia, humor*. Vez que a agência divulgadora da mensagem cristã principiava por perder a altura do tom hegemônico, político-cultural. Trocava de mãos, passando às da robustecida classe burguesa, instauradora de nova ordem, sob a capa de estados nacionais, novíssimos.

(11).

Séculos depois, sob a imagem universalizada da Inquisição saída da pena de Dostoiévski, as personagens Ivan e Aliócha montam uma cena teatral ao século XVI, em resposta à ausência de manifestações do sagrado. Em Sevilha, Espanha, o cenário. Do mote: “*Daquilo que o coração diz / O céu não dá testemunho*”, enredo conhecido. Cabe a um nonagenário cardeal depurar o discurso político de Cristo e das não-pequenas inquietudes existenciais humanas. Segundo o Purpurado, a Igreja teria demorado mais de mil anos para chegar ao ponto de excelência em que se encontrava, cuja descoberta fundamental fora a de que todo homem deseja, do mais profundo de seu coração, encontrar um guia, um mestre, a quem possa delegar a liberdade. Desde que o guru *escolhido* proferisse, claramente, o caminho a ser seguido. Com a força e a precisão de palavras necessárias e *universais*. O embate razão *versus* uma certa interpretação do discurso da forma religiosidade colocava-se. O racionalismo moderno, na classificação de Hegel, obteve vantagem neste tipo de acerto de contas. Ivan Karamázovi, por seu turno, depurara o termo *tentação*.³⁰

- Por ventura, o termo tentação, desnaturado, transfigurou-se em o *desejo*? Baruch Espinosa, repisando pegadas maquiavelianas: “I. O Desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer.”³¹

(12).

A próxima invenção, ao florescimento do pensamento moderno, fora a ideia de que política é conflito, operada por Maquiavel. Se a política é conflito, e o conflito é natural, resta explicitá-lo e transformá-lo em ordenação política, aos moldes do ocorrido na República Romana, antiga, com a criação do tribuno da plebe. Do reino de Maquiavel, a limpeza da linguagem conceitual e histórica ao tratar da *grande* política. O interesse público acima do interesse privado, eis a lição do Chanceler

³⁰ DOSTOIÉVSKI, Fiódor M., *Os Irmãos Karamázovi*, São Paulo, Abril Cultural, 1970, pp. 184-197. – “Em esplêndidos autos de fé / Queimavam-se horríveis heréticos.”

³¹ ESPINOSA, B., “Definições dos Afetos”, In _____, *Ética*, Parte III, tradução Grupo de Estudos Espinosanos, São Paulo, Edusp, p. 339. - Murilo Mendes, em “Spinoza”, do livro *Retratos-Relâmpago*, reproduz a passagem: “O desejo é a essência mesma do homem, o esforço pelo qual o homem tende a perseverar no próprio ser”, In _____, *Poesia Completa e Prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 1205.

Florentino, redundando em uma nova ética para a política, em pauta subliminar até o tempo presente, não obstante, combatida. Maquiavel se firma para além dos moldes do humanismo cívico florentino, decalcado do neorealismo aristotélico, firmado na expressão: *virtù vince fortuna*. Maquiavel finda por dar materialidade ao princípio, - ensina o caminho das pedras, desde o conhecimento da natureza humana, a malignidade humana, assim como o mundo está em constante movimento. Montaigne entendera por oscilação. Arrematando, Giacomo Leopardi elogiou a precisão da linguagem política maquiaveliana ao compará-la com a de Xenofonte, acometida de inconveniente flacidez.

Em passagem dos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio (Discorsi)*, o Criador da filosofia política moderna, registra uma palavra de ordem incompreendida, causa da ruína de provável vitória de um exército invasor, prestes a concluir a empreitada militar. Registra: “A cidade de Perugia, há poucos anos, estava dividida em duas facções, dos Oddi e dos Baglioni. Estes últimos reinavam, enquanto os primeiros estavam no exílio. Estes, depois de reunirem um exército com a ajuda de aliados e de se refugiarem em alguma cidade próxima da Perugia, certa noite entraram na cidade favorecidos por partidários e, sem serem descobertos, preparavam-se para tomar a praça. Como, naquela cidade, todas as suas esquinas têm correntes que mantêm barradas as suas ruas, à frente dos partidários dos Oddi ia alguém que, com uma maça de ferro, ia rompendo os fechos, para que a cavalaria pudesse passar. Quando faltava romper apenas a corrente da rua que desembocava na praça, já tendo sido dado o sinal de alarme, aquele que ia quebrando as correntes da rua, premido pela turba que vinha atrás, nem consegui levantar bem os braços para quebrá-las. Assim, para ter movimentos mais livres, disse aos outros: ‘Vão para trás!’, palavras que, passando de fileira em fileira como ‘para trás!’, fez que os últimos comesçassem a fugir e, gradualmente, os outros também, e com tanta pressa, que por si mesmos se desbarataram: e assim malogrou o desígnio dos Oddi, em razão de tão pequeno acontecimento.”³²

A Maquiavel, o político de *virtù*, estando só, será mais capaz de fundar uma nova república. Um outro, ademais só, será melhor legislador. Replicando: “De como é preciso estar só para ordenar uma nova república ou para reforma-la inteiramente com ordenações diferentes das antigas.”³³ Acaso, Tancredo Neves, que dizia ter lido os *Discursos*, lançados a meados de 1979, pela UnB, teria se inspirado na passagem maquiaveliana para projetar o que poderia vir a ser a “Nova República”, de projeto nunca vindo à luz?

Adiante do Renascimento, o universo fora lido como pauta musical. Assim, a música barroca de Bach operara sob duplo movimento: uma marcação pesada e repetitiva, outra, como *fuga*, a sugerir a evasão para o infinito. Compondo parte da indefinição do barroco. Muito do valor artístico do barroco, - invenção creditada à Contrarreforma e aos jesuítas -, incidia por sobre a ausência de pendor para o espírito científico moderno, a par da indefinição acerca do centro da cultura: Deus ou o homem? Vez que os sentidos enganam / enganavam. Walter Benjamin ensaiou a

³² MAQUIAVEL, N., “Que efeitos produzem os improvisos que surgem e os novos comandos que são dados no meio da peleja?”, In _____, *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, III, 14, São Paulo, Martins Fontes, 2007, p. 369.

³³ MAQUIAVEL, N., “De como é preciso estar só para se ordenar uma república nova ou para reforma-la inteiramente com ordenações diferentes das antigas”, In _____, *Op. Cit.*, I, 9, pp. 40-43. _

compreensão do *drama* barroco alemão. Para a intervenção estético-política Tropicália, o Brasil segue sendo barroco. - Barroco-tecno-pop-ilógico.

(13).

Todavia, palavras (in)oportunas e conceitos (in)adequados ocorrem aos pensadores em situação *saia justa*, ao esgrimir ou boxear com os nexos e os subterfúgios dos termos. Parece ser o caso da *cena* relatada por Voltaire:

“Um dia, o Príncipe Pico della Mirandola encontrou-se com o Papa Alexandre VI em casa da cortesã Emília, quando Lucrecia, filha do santo padre, estava em trabalho de parto e não se sabia, em Roma, se o filho dela era do papa ou de seu filho, o duque de Valentinois, ou do marido de Lucrecia, Afonso de Aragão, que constava que era impotente. A princípio, o diálogo foi muito animado. O Cardeal Bembo conta-nos uma parte da conversa.

- Pico, perguntou o papa, quem julgas que seja o pai do meu neto?

- Acho que é o vosso genro, respondeu Pico.

- Eh! Eh! como podes acreditar numa parvoíce tamanha?

- Acredito, pela fé.

- Mas acaso ignoras que uma criatura impotente não pode fazer filhos?

- A fé consiste, retorquiu Pico, em crer nas coisas porque elas são impossíveis; e, aliás, a honra da vossa casa exige que o filho de Lucrecia não passe por ser o fruto de um incesto. Quereis que eu acredite em mistérios mais incompreensíveis do que esse. Pois não é forçoso que esteja convencido que uma serpente falou, que desde esse tempo todos os homens ficaram danados, que a burra de Balaão falou também, com grande eloquência, e que as muralhas de Jericó caíram ao soar das trombetas? (*Por um descendente de Rabelais*)³⁴.

(14).

As cidades destruídas por terremotos ou maremotos são, em geral, reconstruídas, exatamente, no mesmo local onde se situavam antes de catástrofes. Tal o ocorrido em Lisboa, em 1755, em que um *terramoto* destruiu a cidade (quase) por completo. Também, as palavras, que originalmente tinham um sentido preciso, e foram desnaturadas, reformadas, adaptadas, melhoradas ou pioradas, ao ritmo do interesse da política, de acordo às conveniências momentâneas. Cumprindo o jogo do disfarce, próprio da linguagem. Quiçá, ressalvada a posição dos teólogos islâmicos, que, em princípio, recomendam a proibição da tradução do *Alcorão* para outras línguas, devendo ser mantido em Árabe, como no original. A proibição vale especialmente para a língua inglesa, tida como muito técnica, pouco analítica, tendendo ao laconismo. Porventura, o motivo seja anterior. Em Árabe, uma determinada palavra pode ter determinado sentido, se estiver disposta em tal localização da oração. Alterando-se a disposição do termo na frase, o sentido pode mudar completamente, o que cria certas dificuldades para a tradução, intelecção e a

³⁴ VOLTAIRE, “Fé”, In _____, *Dicionário Filosófico*, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 184. (Coleção “Os Pensadores”).

manutenção da veracidade inicial da palavra *revelada*. Todavia, em Árabe, há uma multiplicidade espantosa de palavras para um único ser, uma única coisa. O animal camelo pode ser dito ao menos de setenta formas diferentes. A língua falada pelos esquimós contém variados termos para designar a cor branca da neve. O que em si parece ser somente um argumento coincidente, pois Gilberto Freyre afirma, em *Casa Grande & Senzala*, que a palavra *sífilis*, que quase o forçou a trocar civilização por *sifilização* ocidental, chegara a ter cinquenta e três sinônimos, em Português. E salvo qualquer juízo, nem por isto, Freyre proibiu nenhuma tradução de sua *obra máxima*.

(15).

Para o *mestre da periferia*, Machado de Assis, com sutileza e astúcia: “palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução, alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies.” Entanto, para o autodidata Filósofo do Méier: “As palavras são oriundas dos dicionários... Olha bem no dicionário e reflita: não há nenhuma palavra com um significado só.”³⁵ Assim, se a palavra cão não mordida ao início do ensaio, nem ao menos latia, tampouco possuirá um único significado.³⁶

Sem ouvir os latidos do animal de estimação, de tiro, de carga ou de guarda, eis os sentidos em circulação: “a) cão: mamífero da ordem dos carnívoros, tipo da família dos cânidas (nomeação importante, se lembrássemos sempre disso, jamais nos referiríamos aos cães, pejorativamente, como *vira-latas* ou *cadelas*); b) cão: peça que é parte do gatilho da espingarda, que percute a cápsula; c) cão: vulgarmente, diabo; cão-tinhoso; d) cão: peça de madeira que pende da tremonha (canoura, moega, tegão) e assenta sobre a mó (mesmo a palavra mó pode tanto ser a pedra do moinho ou lagar ou, ainda, pedra com que se afiam instrumentos de corte); e) Cão Maior: constelação austral (...); f) Cão Menor: constelação boreal (...); g) sofrer o cão: sofrer extremadamente; h) cão: pessoa má, infame, vil; i) cão: mercado público, no Oriente Médio; j) cão: espécie de estalagem para repouso das caravanas, no Oriente Médio; k) cão: o que tem cãs, encanecido; l) cão: armação metálica para apoiar a lenha que arde na lareira e evitar que role para fora.”³⁷ - Além e aquém fidelidade canina.

Ou nome de personagem histórico, Diogo Cão, consagrado por Pessoa: “O esforço é grande e o homem é pequeno. / Eu, Diogo Cão, navegador, deixei / Este padrão ao pé do areal moreno / E para deante naveguei...”³⁸ E títulos de romances, tal o de Mario Vargas Llosa, *Los jefes / los cachorros*, autobiográfico, relativo aos anos de estudos passados no Colégio Champagnat, de Irmãos Maristas, no Peru. Autobiográfico, também, *Abaixo de cão*, do jazzista Charles Mingus.³⁹ Isto se não for

³⁵ FERNANDES, Millôr, *Millôr Definitivo: A Bíblia do Caos*, Porto Alegre, LPM, 1994, p. 349.

³⁶ A propósito, ver as crônicas “Anteato: ‘palavra por palavra” (I) e “A letra A: ‘palavra por palavra” (II), In MORAES, V. de, *Poesia Completa e Prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1987, pp. 675-678.

³⁷ FERREIRA, Aurélio B. de H., *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 339.

³⁸ PESSOA, Fernando, “Mensagem”, In _____, *Obra Poética*, parte II, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986, p. 79. (Poema “Padrão”, escrito aos 13 de setembro de 1918). Mantida a grafia original.

³⁹ LLOSA, Mario Vargas, *Os Chefes*, tradução Remy Gorga, filho, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976. (Título original: *Los jefes - los cachorros*, Seix Barral, 1980). MINGUS, Charles, *Abaixo de cão*,

consentido, antes, recordar que, ao momento da *decadência* da filosofia na Grécia, os filósofos cínicos, receberam o nome, justamente, porque sua teoria estava *próxima* do riso do cão (em Grego, *cyon*), o que ri do pudor, - ou seria por pudor? Mas, todos estes sentidos e recorrências poderiam reduzir-se, artisticamente, ao filme surrealista *Cão Andaluz*. Enquanto uma maré de surrealismo, pós-pó-moderno *mondo cane*, ressurgir, fingidamente, rediviva.

- Haja pêndulo estético!

(16).

Por *pecar* pelas palavras, talvez poderia ter sido outro o destino a de Criatura, monstro *bom selvagem* e androide experimental, cheio de ódio, em guerra contra seu Criador humano, *demasiadamente humano*, dr. Victor Frankenstein. Entre o relato epistolar e a prosa, a obra inaugural de ficção científica e da virada do gênero romance gótico, *Frankenstein ou Prometeu moderno*, sofreu inspiração na filosofia natural, atrelada à química em particular, mais um feixe de discursos filosóficos modernos e a melancolia, lançados à imaginação doentia de um jovem estudante. Balizado por leituras juvenis dos alquimistas Alberto Magno (1193-1280), Cornelius Agrippa⁴⁰ (1486-1535), Paracelso⁴¹ (1493-1541). Lançado em 1818, Mary Shelley publicou a versão definitiva em 1831. A Criatura, em determinado momento, torna-se autodidata, leitor de o *Paraíso Perdido*, um volume das *Vidas Paralelas*, de Plutarco, e *Os sofrimentos do jovem Werther*,⁴² encontrados ao acaso em um chalé. Afinal, sua criação efetivava a maior *tentação* da ciência moderna, a de criar um ser humano em laboratório, surgida da literatura. Antecedida da figura do “homúnculo”, que irrompe em cena da Segunda Parte de o *Fausto*, de Goethe, cujo aparentado mais remoto fora fruto da imaginação alquímica de Paracelso. Porém, tentando superar o destino, após pesquisar os costumes dos vizinhos de seu esconderijo, a Criatura decide expor o drama pessoal. Clama a um senhor cego, o velho De Lacey, contra a discriminação sofrida, ao que lhe responde: “- Se você confidenciar sem reservas a mim as particularidades de sua história, talvez eu possa ajudar a esclarecê-las a eles. Sou cego e não posso julgar por seu semblante, mas há algo em suas palavras que me convence de que é sincero. Sou pobre e exilado, mas me trará verdadeiro prazer ser de qualquer forma útil a um ser humano. [...] Posso saber os nomes e residência de seus amigos?” Ao que a Criatura atesta: “Fiz uma pausa. Esse, pensei eu, era o momento decisivo que iria me roubar ou me conferir felicidade para sempre. [...] Não tinha um segundo a perder, mas, buscando a mão do velho, gritei: Agora é a hora! Salve-me, proteja-me!” Entrementes, o Velho exclamou: “Meu bom Deus! Quem é você?”⁴³

Lisboa, Assírio & Alvim, 1992. Além de *O cão de Baskerville*, de Conan Doyle, e de *Os olhos do cão azul*, de Gabriel Garcia Marques. E também de *La ciudad y los perros*, romance gerador da notoriedade de Llosa, publicado pelo Seix Barral, em 1963.

⁴⁰ Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim, cabalista, alquimista, astrólogo.

⁴¹ Theophrastus Bombastus von Hohenheim, alquimista e físico suíço.

⁴² SHELLEY, Mary, *Frankenstein ou Prometeu moderno*, tradução Santiago Nazarian, Rio de Janeiro, Zahar, 2017, p. 143.

⁴³ *Idem*, p. 143. Antes do fatídico encontro com De Lacey, a Criatura relata: “descobri alguns papéis no bolso da roupa que pegara no laboratório. [...] Era o diário dos quatro meses que precederam

- *Palavras, palavras, palavras...*

(17).

Contudo, ocorre que J-P. Marat, - para além da banheira, de duas folhas de papel com anotações e o punhal, como retratado em *close*, óleo sobre tela da pintura “Marat Assassiné”, originalmente intitulado “Marat a son Dernier Soupir”, por Jacques Louis David, de 1793 -, é filho dileto do Esclarecimento. Ora, o Esclarecimento fundou-se, primeiramente, no racionalismo cartesiano e no empirismo de Locke, este divulgado em França, ao tempo da montagem política antecipada da Revolução de 1789, pela pena de Voltaire. A par da rápida e oportuna conceituação em “Resposta à Pergunta: O que é o Esclarecimento?”, o primeiro anúncio jornalístico de um curso de verão, lançado por Kant, em dezembro de 1784. É provável, que o publicista de *O Amigo do Povo*, estivesse a par daquele *mecanismo* filosófico, pois a filosofia, por essa época, em França, era um fenômeno extramuros da Universidade,⁴⁴ ao contrário da Prússia, onde os filósofos eram, antes de nada, professores universitários escrevendo aos seus pares. – As mesmas práticas dos filósofos prussianos persistem, contemporaneamente, entre os acadêmicos de Filosofia.

Assim, o suporte da reflexão maratiana corresponde ao casamento de imagens recolhidas pelos sentidos e *transformadas* em ideias, simples e / ou complexas, como prescreve o empirismo, e a expansão racional das ideias como quer o racionalismo moderno. Para a página analisada, Marat apresenta, de forma excelente do ponto de vista da crítica política, como um livre-pensador publicista, ao momento da ação, o que Kant dizia ser o mais comum dos passos da razão no exercício da faculdade de conhecer, tomado, ao contrário, pela tradição racionalista

minha criação. Você (Victor Frankenstein) descreveu com minúcias nesses papéis cada passo que deu no progresso de seu trabalho (SHELLEY, 2017, p. 139).” *Tempo foi*. Como a ficção procede da ficção, o suposto “diário” de Victor Frankenstein, fora recebido por H. St. J. V., datado de 1980, “O pacote maltratado, contendo papéis antigos e danificados, chegara havia dez anos, enviado por um colega da Suíça, que conhecia bem meu entusiasmo por manuscritos alemães do século dezoito. Na ocasião, entretanto, meus deveres clericais impediam qualquer desvio para um interesse pessoal mais demorado, e guardei o embrulho em um armário, para quando tivesse mais tempo à minha disposição (ANÔNIMO, 1982, p. 8)”. A propósito, conferir *O diário de Frankenstein*, tradução Elsa Martins, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. (Traduzido do original alemão e comentado pelo Rev. Hubert Venables, com retratos dos personagens, bico de pena da mansão dos Frankenstein, reproduções de instrumentos de cirurgia, desenho de a Criatura).

⁴⁴ Eis uma mostra do quão populares foram a filosofia e os filósofos, ao tempo de Revolução Francesa. “Um original jogo de cartas editado em 1793 – ou seja, no Ano II da era revolucionária francesa – por um tal senhor Gayant, em Paris, ilustra de maneira exemplar aquilo que poderia ser considerado como o grande sonho da filosofia da Luzes. No lugar dos reis, das rainhas e dos valetes, este baralho, comemorativo das grandes façanhas que se produzem na ocasião, ostenta respectivamente figuras de ‘filósofos’, de ‘virtudes’ e de ‘soldados da República’.

Limitemo-nos ao lugar dos reis. Substituindo o rei de paus, temos a figura de Rousseau. No lugar do rei de ouros, a de Voltaire. É verdade que o senhor Gayant faz uma certa confusão e coloca no lugar dos outros dois reis - o de copas e o de espadas - não dois filósofos propriamente, mas dois ‘homens de letras’ e ambos do século anterior: La Fontaine, o famoso autor das *Fábulas*, e Molière, o pai da dramaturgia francesa. É também verdade que no século XVIII o termo *philosophe* tem uma acepção mais ampla do que, tradicionalmente, e engloba desde pensadores como Diderot até um naturalista e botânico como Buffon. De maneira que o criador do referido baralho, descontado o erro cronológico, não estaria assim tão equivocado ao misturar as cartas...” In FORTES, Luiz Roberto Salinas, *O Iluminismo e os reis filósofos*, 3ª edição, S. Paulo, Brasiliense, 1985, pp. 11-12.

como sendo o movimento mais elevado. Engano, pois, segundo Kant, a razão pode, de maneira quase imperceptível, realizar outras conexões superiores, as nomeadas de sintéticas, as que não passam de forma algumas pela experiência. Marat escreveu, seguindo as pegadas do racionalismo, ao desmembrar conceitos,⁴⁵ mesmo que pela negativa dos conceitos, como no caso, ‘governo, a dominação covarde e tirânica’, e em outro, não tanto pela negativa: ‘revolta, a resistência à opressão’. Ora, tal exercício se inscreve em um processo de elucidação intelectual, que, contudo, mostra o limite do que poderia um homem de ação e, ao mesmo tempo, livre-pensador, polêmico divulgador de ideias, publicista da dinâmica e do controle do poder, dirigindo-se ao público medianamente informado, sobremaneira, ativo politicamente.

Marat aparenta escrever o mais que razoável para aquele momento político e à consciência histórico-cívica. Porém, o mais que razoável só se torna razoável, depois que os conceitos envolvidos nas práticas de ruptura e de coesão social, sob dada leitura da realidade sócio-política, são desmembrados, analisados, tal qual a operação executada por ele. A inflexão maratiana parece manter-se no horizonte do razoável, passados mais de duzentos anos de distanciamento histórico-político, submetido à crítica devoradora do espírito da Revolução.

– Acaso, Marat poderia / pode ser considerado a *consciência crítica* da Revolução Francesa? Desde os seus bastidores.⁴⁶

(18).

Em determinado momento, Marat propôs o encarceramento do governante em uma sala fechada a chave, como última *ratio* de controle do poder, de modo que o chefe político não tivesse ocasião de trair os ideais da Revolução, presentes e futuros. Em movimento de retorno dos *conceitos políticos à sua origem política* revolucionária, delimitando os possíveis espectros, interditos e graves distorções desnaturalizantes. Relevante notar que, provavelmente, o conceito político mais idealizado, degenerado e espoliado por políticos de todos os tempos, o *Bem Comum*, tenha escapado imune à análise sob a pena de Marat, - ao menos na passagem em pauta.

(19).

A *crítica contemporânea*. Rancière em movimento de criticar as escolas historiográficas, em vista do “excesso de palavras” produzidas e disparadas em torno da Revolução Francesa, escreve: “As transformações produzidas pela

⁴⁵ Desmembrar conceitos, Kant nomeia por *juízos analíticos* ou *juízos de elucidação*. Juízo analítico é todo aquele em que o predicado pertence ao sujeito, ou conceito. É aquele em que a conexão do predicado com o sujeito é pensada por identidade (nos casos afirmativos, “pois a aplicação aos negativos é posteriormente fácil. (...) Com efeito, por meio do predicado aqueles (juízos analíticos) nada acrescentam ao conhecimento do sujeito, mas somente o dividem por desmembramento em seus conceitos parciais, que já eram (embora confusamente) pensados nele...” In KANT, I., *Crítica da Razão Pura*, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 27. (Coleção “Os Pensadores”).

⁴⁶ Em torno ao tema - de forma estendida - para compreensão histórico-econômica de alguns dos efeitos da Revolução da Francesa, ao tempo posterior à Restauração, registrada na obra de Honoré de Balzac (1799-1850), conferir BERNARDO, J., *Os Sentidos das Palavras: terminologia econômica e social em La Comédie Humaine*, edição particular de acesso restrito, 2013.

Revolução na sociedade francesa são obscurecidas pela massa das falas da revolução: há a fala dos atores revolucionários, a dos historiadores hagiógrafos, da tradição republicana, da interpretação marxista em termos de revolução burguesa, da combinação destas diversas tradições da historiografia dos Mathiez e dos Soboul. A interpretação tem a ver com o excesso das falas da revolução e sobre a revolução. A interpretação *social* tem a ver com uma primeira interpretação social: uma interpretação que já quis substituir as coisas pelas palavras, mas deixou-se, nesta própria operação, emboscar-se pelas palavras.”

Prossegue: “Deixar-se emboscar pelas palavras, isto quer dizer empregar as palavras que são impróprias porque elas não são contemporâneas do que elas nomeiam. Para Cobban,⁴⁷ a interpretação marxista cola sobre o acontecimento passado palavras e noções que pertencem aos tempos posteriores (...). Mas se ela pode fazê-lo, é porque ela toma por moeda corrente as palavras dos atores, dos contemporâneos e dos cronistas da Revolução. Ora, estas palavras eram elas próprias anacrônicas. Elas remetiam a uma situação que não existia mais de fato na sua época. Em resumo, a interpretação marxista acreditou que a Revolução era burguesa porque os atores revolucionários acreditaram que a feudalidade existia ainda e que eles a destruíam. Se estas más interpretações - futurista e passadista - podem se acumular, é que elas repousam sobre um mesmo excesso próprio à linguagem humana em geral, à linguagem humana antes que a ciência nela tenha colocado ordem: o fato que uma mesma palavra possa designar ao mesmo tempo muitos seres ou muitas propriedades que não existem, mas também propriedades que não existem mais ou ainda não. O mal ao qual a interpretação social deve se confrontar sem descanso é o da homonímia.”⁴⁸

- Se o *espírito da revolução* cumpriu suas premissas, restou-lhe tão somente o baixo relevo da *contrarrevolução* e da *revolta*. Em vigor nestes tempos estilhaçados.

(20).

Diante do paradoxo interminável provocado pelas palavras escritas e pronunciadas na fala generosa do povo, conferidas em dicionários, livros de filosofia, teologia, literatura, rebrilha o verso de Luiz Gonzaga, Filósofo do Baião, “nem tudo que reluz é ouro / nem tudo que balança cai.” Destarte, o termo “sindicato”, caro aos meios trabalhistas, parece movimentar-se para a perda da aura de significado político. Não só historicamente. Um *game* futurista, *Syndicate Plus*, da Bullfrog, (*sic*), em CD-ROM, monta a fábula do domínio do mundo com total violência. “Imagine uma nova ordem mundial em que a divisão do planeta não é mais feita entre

⁴⁷ *Localizando*. Alfred COBBAN, autor de *The Social Interpretation of the French Revolution*, um dos livros guia da historiografia revisionista da Revolução Francesa. “O trabalho do historiador não é mais o de contar as revoluções, mas de as interpretar, de relacionar os acontecimentos e os discursos ao que os funda e os explica. E, seguramente o que funda os acontecimentos é sempre não-acontecimento; que explica as palavras, é o que não é mais palavras. O historiador (...) vai ver o que está por trás das palavras. Ele relaciona o discurso sedutor à realidade não discursiva que aí se exprime e se traveste. O discurso do historiador é um discurso medida que relaciona as palavras da história a sua verdade. É o que quer dizer explicitamente *interpretação*.” In RANCIÈRE, J., *Os Nomes da História: um ensaio de poética do saber*, São Paulo, Educ / Pontes, 1994, p. 40. (Título original, *Les noms de l'histoire: Essai de Poétique du Savoir*, Paris, Éditions du Seuil, 1992).

⁴⁸ RANCIÈRE, Jacques, *Op. Cit.*, pp. 41-42.

estados-nações, mas sim entre sindicatos que representam os interesses de megacorporações.”⁴⁹ Adeus vanguardistas críticas marcusianas, que desmontaram as escaramuças e as estratégias dos jogos de treinamentos simulados por altas patentes militares norte-americanas.⁵⁰ O que parecia ser o bem guardado segredo da luta social, a ponta de lança do contrapoder, transubstanciou-se e invadiu os lares na forma jogos infantis. O que restou da palavra sindicato, do conceito de sindicato? Sem apostasiar o papel de *estandarte da agonia* da política trabalhista, Santos registra: “Está montado o cenário futurista para o jogo de estratégia e ação ‘Syndicate Plus’, que promete horas de entretenimento recheadas com um dos pratos de consistência da sociedade do espetáculo: a violência. O objetivo de cada um dos sindicatos espalhados ao redor do mundo é simples: obter a hegemonia, utilizando a mais sofisticada tecnologia disponível e métodos nada sutis, porém válidos na obtenção do sucesso.”⁵¹ – Mas, como as palavras não são as coisas...

Adeus vanguardistas críticas marcusianas, que desconstruíram as escaramuças e as estratégias dos jogos de treinamentos simulados por altas patentes militares norte-americanas, a meados dos anos sessenta do século passado? A propósito, Marcuse escrevera: “A Consciência Feliz não tem limites - prepara jogos com a morte e a desfiguração nos quais prazer, trabalho em equipe e importância estratégica se misturam em harmonia social compensadora. A Rand Corporation, que reúne erudição, pesquisas, militares, o clima necessário e boa vida, divulga tais jogos em estilo gracioso que importa absolvição, em seu ‘RANDom News’, volume 9, número 1, sob o título BETTER SAFE THAN SORRY. (*) Os foguetes estão pipocando, a bomba H está esperando, os voos espaciais prosseguem, e o problema consiste em saber ‘como proteger a nação e o mundo livre’. Em tudo isso, os planejadores militares estão preocupados, pois ‘o custo de arriscar, de experimentar e cometer um erro pode ser terrivelmente elevado.’ Mas aí RAND chega; RAND tranquiliza e dispositivos como RAND'S SAFE entram no cenário. O cenário em que entram não é sigiloso. É um cenário no qual ‘o mundo se torna um mapa, os teleguiados são meros símbolos (viva o poder calmante do simbolismo!) e as guerras apenas (apenas) planos e cálculos no papel... Nesse cenário, RAND transfigurou o mundo em interessante jogo tecnológico, podendo-se estar descansado - os ‘planejadores militares podem ganhar valiosa experiência *sintética* sem risco.’”⁵²

⁴⁹ SANTOS, Luiz Fernando (*free-lancer*), “Sindicatos lutam para dominar o mundo”, Caderno 6, “Informática”, In *Folha de São Paulo*, São Paulo, edição do dia 11 de janeiro de 1995, p. 10.

⁵⁰ MARCUSE, Herbert, *A Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional*, 4ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1973, pp. 89-91.

⁵¹ SANTOS, Luiz Fernando (*free-lancer*), *Idem, ibidem*, p. 10.

⁵² MARCUSE, H., “A Conquista da Consciência Infeliz: Dessublimação Repressiva”, In _____, *Op. Cit.*, pp. 89-90. Na sequência, encontra-se o item “Como jogar”. Talvez para o próprio Marcuse, eis a parte, aparentemente, (in)visível da *euforia na infelicidade* da sociedade contemporânea. (*) Tradução melhorada: “MAIS VALE PREVENIR QUE LAMENTAR.”

A propósito, em seguida, Marcuse analisa “O fechamento do universo da locução”, *Idem*, pp. 92-121. Retoma o tema no ensaio, “Tolerância repressiva”, In WOLFF, R. P.; MOORE Jr, B; MARCUSE, H., *Crítica da Tolerância Pura*, tradução Ruy Jugmann, Rio de Janeiro, Zahar, pp. 99-101.

- Cervantes inventariou: “pero *dubitat Augustinus*” (San Agustín lo duda). Para reforçar a desconfiança *apelou* ao *Evangelho de João*, X, 38: “operibus credite, et non verbis” (creed en las obras y no en las palabras).⁵³

(21)

Ao passo que Lutero traduziu a *Bíblia* do Latim para o Alemão, embora desaconselhado por Erasmo de Rotterdam, o Latim principiou por deixar, aos poucos e aos trancos, de ser a língua padrão do conhecimento ocidental. Uma nova *babel* se instaurou, compósita com o florescimento de estados nacionais ao ritmo do mercantilismo, sob a necessidade de consolidação de línguas nacionais. Mesmo com inimagináveis dialetos a sombrear a oficialidade das línguas *oficiais*. No Brasil Colônia, a “Língua Geral”, articulada desde a língua Tupi (antiga) ofuscara por séculos com sucesso o Português, consolidado por Camões. Em circulação, as palavras se desgastam e expandem os sentidos primevos delas, findando por desconcertar as *verves* originais. Algumas de maneira absoluta. Vez que “Lutar com palavras / é a luta mais vã. / Entanto lutamos / mal rompe a manhã.”⁵⁴ Todavia, “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar, como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.”⁵⁵ Embora persista o ato diuturno de perseguir a “palavra prima / uma palavra só, a crua palavra / que quer dizer / tudo / anterior ao entendimento, palavra.”⁵⁶ Sempre às “margens da palavra [...] / (à) hora da palavra / quando não se diz nada / fora da palavra / quando mais dentro aflora [...] proa da palavra...”⁵⁷

- Ainda que a palavra *cão* continue não mordendo nem latindo, tampouco, o conceito. Porém, golpe político *segue sendo* golpe político, bonapartismo, prática política bonapartista antidemocrática, em todo canto do mundo! Os indícios da visitação sondagem ao fragmento de texto de Marat podem dar a ver a política desnaturando palavras e desqualificando significados nascidos fortes, expressivos. - Haverá ainda possibilidade de prospectar a “verdade” política?

Fim, sob variados significados!

* * *

⁵³ CERVANTES, M. de, “El paje, el cura y el bachiler”, In _____, *Don Quijote de la Mancha*, Madrid, Real Academia Española / Alfaguara, 2004, p. 936.

⁵⁴ DRUMMOND de ANDRADE, C., “José”, In _____, *Poesia e Prosa*, volume único, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, p. 147.

⁵⁵ RICARDO FILHO, “A descoberta dos livros”, In RAMOS, Graciliano, *Relatório do prefeito de Palmeira dos Índios*, São Paulo, Brasiliense, s. d., p. 19.

⁵⁶ CHICO BUARQUE, letra da canção “Uma palavra”, álbum *Uma palavra*, Vagalume, 1995, faixa 15.

⁵⁷ MILTON NASCIMENTO; CAETANO VELOSO, “A terceira margem do rio”, álbum *Circuladô*, Poligram, 1991, faixa 9.

Referências:

- ANÔNIMO. **O diário de Frankenstein**, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. (Traduzido do original alemão e comentado pelo Rev. Hubert Venables).
- BACON, F. **Novum Organum ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza**, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1979 (Coleção “Os Pensadores”).
- BERNARDO, J. **Os Sentidos das Palavras: terminologia económica e social**, em *La Comédie Humaine* (edição particular de acesso restrito, 2013).
- BORGES, J. L., **Outras Inquisições**, São Paulo, Cia. Das Letras, 2007.
- _____, **Sete Noites**, São Paulo, Max Limonad, 1983.
- CERVANTES, M. de. **Don Quijote de la Mancha**, Madrid, Real Academia Española / Alfaguara, 2004.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **Os Irmãos Karamázovi**, São Paulo, Abril Cultural, 1970.
- DRUMMOND de ANDRADE, C., **Poesia e Prosa**, 5ª edição, volume único, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979.
- ESPINOSA, B., **Ética**, São Paulo, Edusp, 2018.
- FAYE, JP. **Introduction aux Langages Totalitaires: Théorie et transformations du récit**, Paris, Herman, Éditeurs de Sciences et des Arts, 2003.
- FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**, São Paulo, Cia. Das Letras, 2009. (Originalmente, publicado em 1942).
- FERNANDES, Millôr. **Millôr Definitivo: A Bíblia do Caos**, Porto Alegre, LPM, 1994.
- FERRATER MORA, J. **Dicionário de Filosofia**, tomo III, 2ª edição, São Paulo, Loyola, 2004.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, 2ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**, 4ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- FORTES, Luiz Roberto Salinas. **O Iluminismo e os reis filósofos**, 3ª edição, S. Paulo, Brasiliense, 1985.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal**, 19ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
- _____. **China Tropical**, 2ª edição, São Paulo, Global, 2011. (Edson Nery da Fonseca, *organizador*).
- HADDAD, Jamil Almansur. **O que é islamismo**, 4ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1980. (Coleção “Os Pensadores”).
- KANTORTOWICZ, E. H. **Os dois Corpos do Rei: um estudo sobre a teologia política medieval**, São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

- LLOSA, Mario Vargas. **Os Chefes**, tradução Remy Gorga, filho, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976. (Título original: *Los jefes - los cachorros*, Seix Barral, 1980).
- _____. **La ciudad y los perros**, Madrid, Seix Barral, 1963.
- MACHADO de ASSIS, J. M., **Obra Completa**, volume 2, São Paulo, Nova Aguilar, 2015.
- MAQUIAVEL, N. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**, São Paulo, Martins Fontes, 2007.
- MARAT, J-P. **Les Chaînes de l'Esclavage**, Paris, Union Générale d'Éditions, 1972.
- MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional**, 4ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- MENDES, Murilo. **Poesia Completa e Prosa**, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995.
- MENDES, Murilo. Homo Brasiliensis, In: **O Menino Experimental**, São Paulo, Summus, 1979, p. 26. (Antologia).
- MERTON, T. **A via de Chuang Tzu**, 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 1977.
- MINGUS, Charles. **Abaixo de cão**, Lisboa, Assírio & Alvim, 1992.
- MORAES, V. de. **Poesia Completa e Prosa**, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1987
- NIETZSCHE, F. **Obras Incompletas**, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1978 (Coleção "Os Pensadores").
- NOVAES, A. (Org.). **Ética**, São Paulo, Cia. das Letras / Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- PESSOA, Fernando. **Obra Poética**, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986.
- _____, (sob heterônimo de Bernardo Soares). **Livro do Desassossego**, volume II, Lisboa, Ática, 1982 (Organizado por Jacinto do Prado Coelho).
- POPOL VUH. O esplendor da palavra antigo dos Maia-Quiché de Quauhtemallan: aurora sangrenta, história e mito**, São Paulo, Ubu, 2019.
- RABELAIS, F. **Pantagruel, rei dos Díspsodos, restituído ao natural com seus factos e proezas espantosos**, Lisboa, & etc, dezembro de 1975.
- _____, F. **O Quarto Livro dos Fatos e Ditos do Bom Pantagruel**, Cotia / Campinas, Ateliê / Unicamp, 2015.
- _____, F. **Gargantua**, São Paulo, Hucitec, 1986.
- RANCIÈRE, J. **Os Nomes da História: um ensaio de poética do saber**, São Paulo, Educ / Pontes, 1994. (Título original, *Les noms de l'histoire: Essai de Poétique du Savoir*, Paris, Éditions du Seuil, 1992).
- RAMOS, Graciliano. **Relatório do prefeito de Palmeira dos Índios**, São Paulo, Brasiliense, s. d.
- SANTOS, Luiz Fernando (*free-lancer*). "Sindicatos lutam para dominar o mundo", Caderno 6, "Informática", In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, edição do dia 11 de janeiro de 1995, p. 10.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou Prometeu moderno**, Rio de Janeiro, Zahar, 2017.

VIEIRA, E. A. **Oliveira Viana & o Estado Corporativo**: um estudo sobre corporativismo e autoritarismo, São Paulo, Grijalbo, 1976.

VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico**, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1978 (Coleção “Os Pensadores”).

Discografia

CHICO BUARQUE, letra da canção “Uma palavra”, álbum **Uma palavra**, Vagalume, 1995, faixa 15.

MILTON NASCIMENTO; CAETANO VELOSO, “A terceira margem do rio”, álbum **Circuladô**, Poligram, 1991, faixa 9.